

Jovem do Rio procura trabalho

Em 6 anos, emprego para faixa de 18 a 24 anos caiu 5,8% na região. No país, subiu 9%

Cássia Almeida

A juventude fluminense corre atrás do emprego que mingou nos últimos seis anos. Na contramão da média das seis maiores regiões metropolitanas do país, a oferta de trabalho para jovens entre 18 e 24 anos ficou 5,8% menor entre 2002 e 2008. Na média do país, essa mesma faixa etária viu a oferta de emprego aumentar 9,2% no mesmo período.

Mais tempo nos bancos escolares para melhorar a formação, pouca qualificação da mão-de-obra jovem, ensino médio público de baixa qualidade e indústria sustentada pelo petróleo — que consome muito capital e pouco trabalho — são alguns motivos apontados pelos economistas para explicar a contração do emprego para jovens na Região Metropolitana do Rio. Os dados fazem parte da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), divulgada pelo IBGE.

Estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), divulgado na semana passada, já indicara que o Brasil tinha a maior taxa de desemprego entre os jovens latino-americanos, pelo menos até 2005, último dado do estudo. A faixa etária de 18 a 24 anos exibía um desemprego de 17,9%, contra 8,5% da média dos trabalhadores. Ou seja, o crescimento do emprego no Brasil que vem sendo mostrado nos últimos anos tem sido maior para outras faixas etárias.

Alguns indicadores mostram que a situação está piorando no Estado do Rio nos últimos anos, diferentemente do que ocorre em outras metrópoles: do total de desempregados, a faixa etária entre 18 e 24 anos representa 38,9%. Essa parcela é a segunda maior entre as seis regiões acompanhadas pela PME. O Rio só perde para Recife, que tem na massa total de desempregados 42,6% de jovens entre 18 e 24 anos.

No entanto, os jovens do Rio representam apenas 12,5% da população em idade ativa. Percentualmente, há mais jovens entre os desempregados que entre a população total.

— É uma situação que até espanta um pouco. Somente Rio e Recife viram crescer a parcela de jovens entre os desempregados — diz Cimar Azevedo, gerente da integração da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) e da PME, do IBGE.

Petróleo emprega pouca mão-de-obra

• Ele acredita que a composição do mercado no Rio, muito sustentado no trabalho por conta própria — adotado por 22,5% da população ocupada, contra 18,7% da média das seis regiões avaliadas — desfavorece a força de trabalho jovem, que tem mais dificuldade para se empregar dessa forma:

— Há um contingente grande de trabalhadores por conta própria no Rio, e, por causa dessa dinâmica, a região exibe uma taxa de desemprego mais baixa. Mas esse tipo de trabalho não funciona muito para os jovens que procuram o primeiro emprego. É preciso ter políticas de estágio e emprego com carteira assinada. Para trabalhar por conta própria, é preciso já ter alguma experiência — avalia.

Mesmo com o ensino médio completo, Luciene Coelho de Andrade,

de 19 anos, tenta em vão conseguir uma vaga de vendedora de loja. O trabalho veio cedo para ela, que começou como babá, numa casa de família, ao 13 anos. O salário era de cem reais. Filha de pedreiro e doméstica, já distribuiu currículos pelos shoppings da Ilha do Governador e nas lojas do Centro, sem sucesso:

— Estou procurando emprego há dois anos. Quero fazer faculdade de educação física. Apareceu uma vaga no Centro da cidade, mas não me aceitaram.

Segundo o economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o Rio já vem de uma decadência há três, quatro décadas, principalmente na Região Metropolitana. Para ele, o Rio ainda não está participando do *boom* trabalhista dos últimos dois anos, principalmente pelo tipo de indústria, a petroleira, que emprega pouco:

— Sempre houve uma visão complacente com a perda de indústrias no Rio e a crença de que os serviços iriam

absorver a mão-de-obra vinda da indústria, o que não está acontecendo.

Para o economista, outro motivo que torna ainda pior a situação dos jovens é a qualidade da educação:

— O Rio aparece nas primeiras posições com as escolas privadas. Nas públicas, o desempenho no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) é muito ruim. Junta-se demanda menor com qualificação pior, o que prejudica a inserção de jovens no mercado. Nós, que temos filhos no Rio, temos que pensar o futuro. E o que os números nos mostram hoje não é muito alentador.

Professor da UFRJ, o economista Mauro Osório diz que erros na gestão pública nas últimas décadas acabaram levando a essa situação no Rio:

— O Rio sofre muito com os erros da gestão pública e acaba exportando mão-de-obra qualificada.

Gisele Almeida Oliveira, de 22 anos, tem dificuldade de encontrar emprego por causa do baixo nível de escolaridade. Coursou apenas até a quinta série do ensino fundamental.

Engravidou aos 14 anos e largou a escola, ainda em Belém, onde morava. Chegou ao Rio para trabalhar como doméstica. Há cerca de um mês, tenta uma vaga de ajudante de cozinha ou em serviços gerais:

— Como doméstica não conseguia estudar. Não dava tempo. Quero voltar para a escola.

Estado intensifica qualificação

• Já Sérgio Besserman, presidente do Instituto Pereira Passos, ligado à Prefeitura do Rio, tem outra visão. Ele diz que, mesmo com a ocupação menor, as baixas taxas de desemprego mostram que a metrópole é o local mais fácil de se conseguir uma oportunidade de trabalho.

— O Rio sempre exibiu a menor taxa de desemprego, o que significa mais facilidade de encontrar emprego — afirma.

Entre os jovens, a taxa de de-

semprego do Rio — que era menor que a média nacional em 2002 (20,7%, contra 23,5% do Brasil) —, perdeu o posto em 2008. Agora, na média das seis regiões, a taxa é de 17,9%, enquanto no Rio é de 18,6%.

Segundo Marcos Pereira, chefe de gabinete da Secretaria Estadual do Trabalho, há carência de mão-de-obra qualificada no estado.

— Estamos importando pessoal de nível técnico e exportando mão-de-obra de nível superior. Mesmo assim, estamos batendo recordes de criação de vagas — comenta.

Para superar essa carência, o governo do estado pretende qualificar 40 mil jovens em cursos técnicos e formais. Segundo Pereira, o treinamento, que antes se limitava a 60 horas, agora será de 200 horas, em parcerias com universidades.

— Temos unidades móveis para atuar nos municípios e vamos caminhar com as obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), nas favelas da Rocinha e do Alemão e na Baixada Fluminense. ■

Enfrentar a violência e a morte, outro problema

Rio entre maiores taxas de homicídio de jovens

• Além da dificuldade para se empregar, o jovem fluminense ainda convive com uma das maiores taxas de homicídio do país, principalmente para sua faixa etária. No Brasil, em 2005, morriam 26,1 pessoas a cada cem mil habitantes. No Estado do Rio, eram 48,2 mortes. Entre os jovens de 15 a 24 anos, a taxa mais que dobrava: 104,4 mortes a cada cem mil habitantes. Geralmente, o Rio se reveza com Pernambuco como o estado com a maior taxa total de homicídio.

Segundo a economista Roberta de Oliveira Guimarães, que prepara uma tese de doutorado cruzando os indicadores econômicos do Rio com a violência, as mortes de jovens por arma de fogo impressionam:

— Ainda estou no começo dos estudos, e o objetivo é tentar

entender essa relação. As vítimas dessa violência têm sexo e cor. São homens e negros em mais de 90% dos casos.

Sílvia Ramos, coordenadora do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes, afirma que a taxa de homicídio entre os negros jovens chega a quase 400 por cem mil. Entre os brancos, chega no máximo a 150.

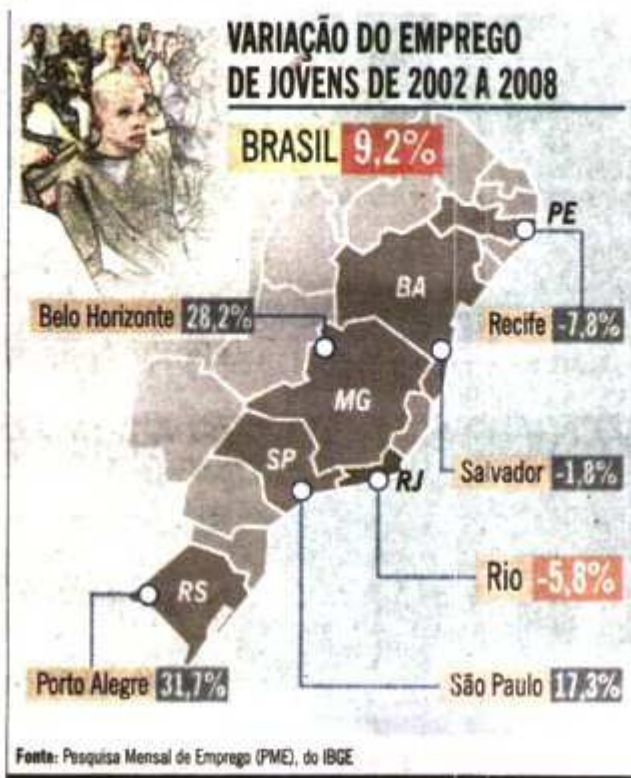
Uma pesquisa recente feita na Universidade Federal Fluminense (UFF) mostrou que o desemprego nas comunidades carentes do Rio é enorme, diz Hildete Pereira de Mello, economista da instituição:

— Estão sem emprego, sem estudar, e grande parte deles já tem filhos. É um dado grave que expressa a situação do Rio de Janeiro. (Cássia Almeida)

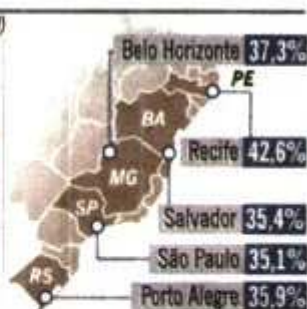
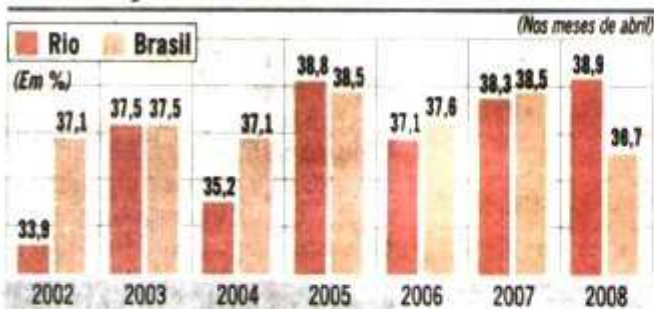


GISELE OLIVEIRA procura vaga de ajudante de cozinha ou em serviços gerais

Os indicadores de mercado



PARTICIPAÇÃO DE JOVENS ENTRE OS DESEMPREGADOS



A ocupação de jovens de 18 a 24 anos

(Nos meses de abril)

Ano	RIO (Em mil)	Variação (%)
2002	725	
2003	677	(-6,2%)
2004	676	(-0,14%)
2005	650	(-3,8%)
2006	632	(-2,8%)
2007	624	(-1,3%)
2008	683	(+9,4%)

TAXA DE DESEMPREGO DE JOVENS



(Em milhões)

Ano	BRASIL (Em milhões)	Variação (%)
2002	3,078	
2003	3,075	(-0,1%)
2004	3,155	(+2,6%)
2005	3,151	(-0,12%)
2006	3,073	(-2,5%)
2007	3,263	(+6,2%)
2008	3,361	(+3%)